textura.

# INTERAÇÃO POLÊMICA: UMA CONTRAPOSIÇÃO ENTRE O DISCURSO ANTIVACINA E O DA COMUNIDADE MÉDICA

**Carla Balan Rissato de Barros**[1]
**Luana Ferraz**[2]

**Resumo:** Neste artigo, retomamos o dissenso criado em torno da imunização infantil contra o SARS-CoV-2 com o intuito de analisar, em um episódio de interação polêmica, os recursos racionais e afetivos mobilizados pelos oradores em disputa. Para tanto, recorremos à noção de polêmica (Amossy, 2017), aos recursos do *logos* propostos pela nova retórica perelmaniana e por Fiorin (2021) e ao estudo das paixões aristotélicas. A partir de nossas análises, pudemos verificar os expedientes discursivos utilizados pelos oradores para provocar o medo, a confiança, a cólera e a indignação de seus auditórios, a fim de conduzi-los à ação, seja de adesão ou de rechaço à imunização infantil.

**Palavras-chave**: Polêmica; Paixões; Imunização infantil.

# POLEMICAL INTERACTION: A CONFRONTATION BETWEEN ANTI-VACCINATION DISCOURSE AND THE MEDICAL COMMUNITY'S DISCOURSE

**Abstract:** In this article, we revisit the dissent created around the immunization against SARS-CoV-2 concerning children to analyze, in an episode of polemical interaction, the rational and affective resources mobilized by the speakers in dispute. To this end, we rely on the notion of polemic (Amossy, 2017), the resources of logos proposed by Perelman's new

[1]Universidade de Franca. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8659-6807. E-mail: carlab_rissato@hotmail.com.
luferraz22@hotmail.com
[2]Universidade de Franca. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3208-7863. E-mail: luferraz22@hotmail.com.

rhetoric and by Fiorin (2021), and the study of Aristotelian passions. Based on our analysis, we were able to identify the discursive techniques used by the speakers to evoke fear, trust, anger and outrage in their audiences, in order to lead them to action, whether it be adherence to or rejection of childhood immunization.

**Keywords**: Polemic. Passions. Childhood immunization.

## INTRODUÇÃO

O homem se comunica através da linguagem, seja verbal ou não verbal e, a todo momento, expõe pontos de vista acerca de situações variadas. Nas interações sociais, fazemos uso de diversas funções da linguagem, mas, neste artigo, nos atentaremos às dimensões responsáveis pela persuasão. Nossa análise será delineada, pois, pelas lentes da retórica, teoria que observa, nos discursos, os recursos persuasivos.

Nosso objeto de análise é uma publicação do portal de notícias G1, do dia 6 de janeiro de 2022, que contempla um discurso antivacina (proferido por Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil de 2018 a 2022) e os discursos de membros da comunidade médica, que visam a rebater a opinião antagônica. O tema polêmico em questão é “Vacinação infantil contra a Covid-19”.

A seleção desse discurso se dá, sobretudo, em razão do momento em que fora produzido. Entre 2020 e 2023, o Brasil vivenciou a crise sanitária da pandemia da Covid-19, infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-Cov-2 , de elevada trasmissibilidade. Nesse contexto, grande parte da população ansiava por uma medida que pudesse amenizar os impactos clínicos, sociais, psicológicos e financeiros da doença. Por isso, a vacinação contra a Covid-19, iniciada, para adultos, a partir de 17 de janeiro de 2021, foi motivo de grande alívio para boa parte desse auditório.

Entretanto, uma outra parcela da população depositava suspeitas sobre a eficácia e, mesmo, sobre a necessidade da vacinação. Nesse sentido, alegava-se a intensidade dos efeitos colaterais imediatos e possíveis consequências ainda desconhecidas de uma vacina pouco testada. Se essas dúvidas se mostravam relevantes o suficiente para, em muitos casos, impedir a vacinação do público adulto, questionamentos tão grandes quanto ou ainda maiores eram destinados à vacinação infantil, especialmente porque a contaminação era considerada menos grave em crianças quando comparadas aos adultos. As evoluções desfavoráveis da doença no público infantil, no entanto, levaram, até 2021, a cerca de vinte mil hospitalizações e quase mil e quinhentos óbitos de pessoas abaixo dos 19 anos por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARG), causada pela Covid-19 (Fiocruz, 2021).

Apesar de essas resistências perdurarem por um período relativamente longo, como atestam os dados apresentados pela Fiocruz, a vacinação de crianças entre 5 e 11 anos foi autorizada pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) em 16 de dezembro de 2021 e iniciada oficialmente em 14 de janeiro de 2022 (Granchi, 2022), muito em função do avanço do número de casos e da disseminação, no país, da variante Ômicron, que apresentava transmissibilidade aumentada em relação à variante Delta (Chatterjee, Bhattacharya; Nag; Dhama; Chakraborty, 2023) e notificava o início de uma nova onda da doença.

Foi nessa conjuntura de disputa de posições que nosso objeto de investigação foi produzido, poucos dias antes do início da vacinação infantil. Buscaremos, assim, identificar, nesse discurso, as marcas do conflito. Para isso, investigaremos a interação polêmica registrada na notícia, com o objetivo de discutir como os recursos retóricos que compõem a parte racional do discurso são articulados pelos oradores com o intuito de despertar emoções em seus auditórios e facilitar a adesão às suas teses.

Para além dos fundamentos teóricos da retórica e da nova retórica, acrescentamos à nossa fundamentação teórica as discussões de Amossy (2017) a respeito da racionalidade e da paixão nos discursos polêmicos. Desse modo, procuraremos verificar como os recursos pensados para a produção e a análise do consenso também se prestam ao fomento e à manutenção do dissenso. Sigamos, pois, à exposição dos aspectos teóricos que ancoram a nossa análise.

## A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES: O DESVENDAR DO *PATHOS*

Como mencionado anteriormente, nosso foco é a análise retórica dos recursos racionais e como eles podem contribuir para despertar emoções no auditório. Para isso, temos como embasamento teórico a retórica aristotélica e a nova retórica perelmaniana.

Aristóteles (2011) define a retórica como a faculdade de observar os meios de alcançar a persuasão em cada caso. Para ele, há três maneiras para que isso aconteça: a primeira está relacionada ao caráter do orador; a segunda, a levar o auditório a uma disposição emocional; e, por fim, a terceira diz respeito ao próprio discurso, ao que demonstra ou parece demonstrar (Aristóteles, 2011).

Os meios de persuasão supracitados constituem a tríade retórica: *ethos, pathos* e *logos*. O *ethos* é a imagem que o orador pretende passar de si ou aquela que é formatada pelo auditório, à mercê das intenções do orador; o *pathos* é associado ao apelo emocional que recai sobre o auditório e o *logos* representa a parte lógica, são os argumentos, recursos retóricos e sua disposição (Aristóteles, 2011). Dessa forma, é evidente que a tríade é, de fato, enlaçada e, para que haja persuasão, as três partes devem estar bem orquestradas.

Com um olhar atento ao *pathos,* ao qual nos debruçamos nesta análise, destacamos que, em sua *Retórica*, Aristóteles

(2011) descreve as quatorze paixões que podem ser suscitadas no auditório, por meio do discurso. São elas: cólera, calma, amor, ódio, temor, confiança, vergonha, impudência, favor, compaixão, indignação, inveja, emulação e desprezo.

O estagirita também afirma que, para que haja persuasão, isto é, para que o auditório seja levado à ação, primeiro ele deve ter a paixão despertada em seu íntimo para, posteriormente, ocorrer a mudança de julgamento e, só assim, partir para a ação. Sendo assim, a fim de aprofundarmos nossa análise, lançaremos mão, também, da sistematização e ampliação da *Trajetória das paixões*, proposta por Figueiredo (2020).

O percurso é constituído por cinco etapas. A primeira é a *disponibilidade* e diz respeito a uma pré-disposição do auditório para ser acometido por uma determinada paixão. Figueiredo (2020) faz uma analogia a uma estante de mantimentos para explicar essa primeira etapa.

No dia a dia, deixamos à nossa vista os mantimentos que mais utilizamos e, mais ao fundo, os que usamos menos. Assim acontece com as nossas emoções: serão despertadas com maior facilidade as que se encontram em nossa "prateleira da frente", seja por questões individuais ou coletivas, como um traço de personalidade ou uma conjuntura social específica (Figueiredo, 2020).

A segunda etapa é a da *identificação*, que consiste na promoção de um processo identitário no auditório. Vale ressaltar que nos identificamos mais com o que nos agrada, faz parte de nossas crenças e valores (Figueiredo, 2020). Por isso, é extremamente importante que o orador conheça o auditório, saiba quais são os seus anseios, medos e valores. Assim, será mais fácil lograr êxito na argumentação e interpelá-lo na alma, como ressalta a autora.

A terceira etapa é denominada *despertar da paixão*. Nesse momento, a paixão é sentida fisicamente, por sensação de dor

e/ou prazer, o que leva o auditório a repensar seus julgamentos e dar início à penúltima etapa do percurso (Figueiredo, 2020).

A *mudança de julgamento* consiste em ser movido pela sensação de dor e/ou prazer vivenciada na etapa anterior. Seria, de acordo com a autora, a junção entre corpo e alma, o interlocutor revê seu julgamento e muda seu veredito. É convidado, dessa maneira, a partir para a *ação*, última etapa da trajetória (Figueiredo, 2020).

Na teoria aristotélica, havia nuances sobre as três últimas etapas. Figueiredo (2020) consolidou a sistematização da teoria e a ampliou, inserindo as etapas da disponibilidade e identificação.

## OS RECURSOS DO *LOGOS* A FAVOR DA ARGUMENTAÇÃO

Descreveremos, neste momento, os recursos retóricos constituintes do *logos*: as figuras, os tipos de argumentos e os lugares (*topoi*), que podem, de acordo com a teoria aristotélica e retomadas posteriores, conduzir à mobilização de paixões no auditório. Para isso, nos pautaremos nos conceitos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Abreu (1999), Aristóteles (2011) e Fiorin (2021).

Abreu (1999) define as figuras retóricas como recursos linguísticos usados a favor da argumentação. São consideradas figuras retóricas: metáfora, metonímia, prosopopeia, reticências, anáfora, assíndeto, polissíndeto, ironia, hipérbole, etc.

Para Aristóteles (2011), é mais fácil lograr êxito na persuasão quando atingimos as emoções do auditório. Nesse sentido, Abreu (1999) ressalta que, ao utilizar figuras retóricas no discurso, o sistema límbico do cérebro, responsável pelas emoções, é acionado, por isso elas são tão significativas na prática argumentativa.

Todavia, segundo Fiorin (2021), entre a Idade Média e a Modernidade, mais especificamente a partir do romantismo, as figuras eram vistas como ornamento textual, logo, desnecessárias à argumentação propriamente dita, o que contradiz as funções atribuídas a esses recursos já na Antiguidade. Se examinarmos o que dizem os mestres latinos da oratória, por exemplo, nos depararemos com o conceito de *ornamentum,* que remete ao sentido de "equipamento". Portanto, um discurso rico em *ornatus*, ou em figuras, não seria apenas adornado, mas provido de elementos essenciais para o cumprimento de uma função.

No caso dos discursos persuasivos, as figuras cumpririam, portanto, um papel especialmente afetivo, uma vez que seriam, nesse sentido, um "equipamento" que complementa o argumento lógico para que exerça bem a sua função.

Quanto aos argumentos, ou raciocínios organizados na elaboração de uma tese, consideraremos a tipologia proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) dos argumentos de ligação, isto é, aqueles que promovem um vínculo entre noções distintas. Estes podem ser categorizados, de acordo com os autores, em: quase-lógicos, baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 220):

> A argumentação quase-lógica se apresentará de uma forma mais ou menos explícita. Ora o orador designará os raciocínios formais aos quais se refere prevalecendo-se do prestígio do pensamento lógico, ora estes constituirão apenas uma trama subjacente.

Isto é, os argumentos quase-lógicos se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos, de forma, menos ou mais, explícita. Para Abreu (1999), eles são assim denominados, quase-lógicos, porque muitas

incompatibilidades não dependem de aspectos formais, mas sim da natureza das coisas ou, até mesmo, das interpretações humanas.

O pesquisador brasileiro destaca os seguintes argumentos quase-lógicos: regra de justiça, retorsão, ridículo, da probabilidade e da definição (expressivas, normativas e etimológicas). Dentre estes, destacamos o argumento da probabilidade, relevante em nossa análise, que consiste em fazer uma generalização baseada em dados parciais para sustentar a argumentação (Abreu, 1999).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) também descrevem os argumentos fundamentados na estrutura do real. São eles: pragmático, do desperdício, da direção, da superação e da autoridade. O argumento pragmático, substancial em nossa análise, fundamenta-se na ideia de dois acontecimentos sucessivos, relacionados por meio de uma causa; já o de autoridade considera que o *ethos* da pessoa citada é imprescindível para validar a tese do orador (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996).

Ainda para os mesmos autores, precursores da Nova Retórica, os argumentos que fundam a estrutura do real são aqueles que se apoiam no que é aceito para um caso particular (exemplo, ilustração e modelo), e os que procuram reestruturar certos elementos do pensamento em conformidade com esquemas aceitos em outros campos do real (a analogia e a metáfora). Essa categoria de argumentos não apresenta relevância analítica neste trabalho, mas completa o quadro dos argumentos que se valem de processos de ligação.

Quando se trata de fundamentar os valores e a argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) também sugerem que podemos recorrer a premissas de ordem geral, denominadas lugares da argumentação, as quais derivam dos *Tópicos* aristotélicos, e que passaram a designar, já na Antiguidade, rubricas sob as quais podemos classificar os

argumentos. Os lugares da argumentação seriam, dessa forma, como um arsenal do qual, em determinada circunstância, o orador lançará mão, a fim de persuadir.

Os autores afirmam que podem existir diversos lugares, mas destacam os seguintes: lugares da quantidade, lugares da qualidade, lugares da ordem, lugares do existente, lugar da essência e lugar da pessoa (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996).

Os lugares da quantidade afirmam que algo é melhor do que outra coisa com base em razões quantitativas: o todo é melhor do que a parte, um maior número de bens é preferível a um menor número (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996). Para Abreu (1999), nesse lugar, são comuns dados estatísticos e porcentagens.

Por sua vez, os lugares da qualidade surgem quando é necessário contestar a eficácia do número, ou seja, eles opõem, ao número, a qualidade. A unicidade de um perante o outro é significativa, pois se beneficia de prestígio. Esse valor pode ser expresso pela oposição ao comum, pela raridade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996).

Os pressupostos elencados serão de extrema importância para traçarmos a nossa análise retórico-passional acerca da interação polêmica selecionada. Então, explicitaremos, na sequência, algumas discussões de Amossy (2017) sobre a manifestação da polêmica nos discursos públicos.

## A POLÊMICA EM FOCO

De acordo com Amossy (2017), é nos espaços públicos que os discursos polêmicos se instauram. Para a autora, a polêmica é constituída por opiniões antagônicas, que se manifestam em meio social e público. Nesse sentido, as mídias comunicativas são grandes responsáveis por orquestrarem e difundirem discursos polêmicos sobre diversos assuntos de interesse público. Tal como ressalta Amossy (2017, p. 66), “dar

mais destaque às polêmicas é, muitas vezes, atribuído ao desejo de sensacionalismo de uma imprensa que quer audiência".

É fato que a polêmica atrai. Nem sempre porque conduz à reflexão, mas sim porque "estamos na sociedade do espetáculo" (Amossy, 2017, p. 8), em que o "grandioso" chama a atenção. Os discursos polêmicos, especialmente os violentos e mais inflamados, atraem o interesse da população.

Apesar disso, a polêmica é, para a autora, dotada de má reputação. Quando não acontece o acordo, impera o dissenso, o que, para muitos intelectuais, pode ameaçar a harmonia social e dificultar as decisões necessárias à democracia: o dissenso acentua as opiniões antagônicas, inflama os nervos e pode levar até à violência (Amossy, 2017).

Para Aristóteles (2011), a retórica permite traçar caminhos para discutir opções alternativas para os cidadãos, isto é, buscar uma resposta singular para ultrapassar as diferenças, em favor do bem comum. Nessa linha, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) são a favor da busca pelo acordo e rechaçam o dissenso.

Todavia, Amossy (2017) advoga que o dissenso consiste em uma maneira diferente de julgar e de ver as coisas, o que cria um confronto de ideias e discordância de opiniões, de modo que não podemos desestimar o valor da polêmica nas interações sociais. A polêmica nos incita a refletir e a buscar mudanças, ou seja, pode ser funcional nos grupos sociais, uma forma de protesto e de ação pública.

A pesquisadora também afirma que "a deliberação deve obedecer aos ditames da razão: ela é, por definição, o trabalho do *logos*, ou seja, a fala como discurso ou razão" (Amossy, 2017, p. 19). Isso nos leva a admitir que os julgamentos sobre as contendas de interesse público devem, em última instância, ser conduzidos com racionalidade e bom senso. No entanto, em contrapartida, a autora também ressalta que os discursos e as interações polêmicas, em geral, não seguem vias racionais.

Nessa espreita, o *ethos* e o *pathos* também contribuem para a constituição da polêmica que abunda no espaço público.

Para a autora, quando movido por paixões, o auditório pode desviar-se de linhas de raciocínio lógicas. Mesmo assim, a pesquisadora reconhece que "As discussões racionais isentas de paixão estão longe de existir" (Amossy, 2017, p. 140).

Desse modo, verificaremos, a seguir, como uma interação polêmica foi construída, com um olhar atento aos recursos retóricos que podem conduzir à persuasão, em especial através do *pathos*, isto é, das emoções emanadas do auditório.

## INTERAÇÃO POLÊMICA: OS "DOIS LADOS DA MOEDA"

Descreveremos, agora, o nosso objeto de análise. Trata-se de uma notícia publicada no portal G1, no dia 6 de janeiro de 2022[3]. É um texto multimodal, uma vez que contempla um vídeo e sua transcrição.

De antemão, é necessário ressaltar que ele materializa uma interação polêmica e não em um discurso polêmico. Para Amossy (2017), a distinção dos dois termos é relevante. Conforme adiantamos na seção anterior deste artigo, de um modo geral, a polêmica consiste em um conjunto de intervenções antagônicas sobre um determinado assunto, desenvolvido em um momento específico.

Os discursos e as interações polêmicas, por sua parte, são formas distintas que essas intervenções podem assumir. No caso do discurso polêmico, há a produção discursiva, em presença, de apenas uma das partes, embora esse discurso estabeleça um diálogo com o discurso do antagonista. A interação polêmica, por sua vez, pode ocorrer face a face ou de

[3]Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-a-vacinacao-e-questiona-a-honestidade-da-anvisa-comunidade-medica-repudia.ghtml. Acesso em: 13 nov. 2026.

forma assíncrona (sem necessidade de interação em tempo real), mas supõe uma disputa direta entre os adversários, em uma intervenção explicitamente dialogal. Em nossa análise, destaca-se a presença da assincronia, já que teceremos considerações acerca de discursos articulados em momentos distintos.

O primeiro discurso foi proferido por Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil de 2019 a 2022, em entrevista à TV Nova Nordeste. É um recorte de sua fala acerca do tema Vacinação infantil contra a Covid-19. Nessa entrevista, o então presidente se posiciona contrário à vacinação contra a Covid-19 para adolescentes e crianças.

Na sequência, os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcelos (no vídeo), apresentam o posicionamento do jornal e discursos de membros da comunidade médica, que manifestam opiniões antagônicas às de Bolsonaro, isto é, defendem a vacinação, sua eficácia e segurança. Os jornalistas selecionam e ordenam, então, uma interação virtual entre os representantes favoráveis e contrários à vacinação.

A interação polêmica em análise dá-se, portanto, de forma indireta, uma vez que, após Jair Bolsonaro postar o vídeo em suas redes sociais, os membros da comunidade médica se posicionam e, posteriormente, os jornalistas produzem e divulgam a notícia. Além disso, ao final, afirmam terem entrado em contato com a assessoria do presidente, a fim de conservar o diálogo, porém, não obtiveram resposta, o que fez cessar, ao menos momentaneamente, a interação.

Nesta análise, a polêmica é evidenciada, uma vez que há contraposição de ideias sobre um assunto de interesse público, sobretudo em tempos de intensa polarização sobre o assunto vacinação; além disso, a contraposição dos discursos permite a reflexão e pode conduzir a uma mudança de julgamento (Amossy, 2017).

## ANÁLISE RETÓRICO-PASSIONAL DE UM DISCURSO ANTIVACINA

Traçaremos o percurso passional evidenciado a partir do discurso antivacina de Jair Messias Bolsonaro. Segue a transcrição do áudio:

> Eu pergunto: você tem conhecimento de uma criança de 5 a 11 anos que tenha morrido de Covid? Eu não tenho. Na minha frente tem umas dez pessoas aqui, se alguém tem levante o braço. Ninguém levantou o braço na minha frente. Você vai vacinar o teu filho contra algo que o jovem, por si só, uma vez pegando o vírus a possibilidade dele morrer é quase zero? O que que está por trás disso? Qual o interesse da Anvisa por trás disso aí? Qual o interesse daquelas pessoas taradas por vacina? (Jornal Nacional, 2022).

O proponente inicia o discurso com um questionamento ao auditório: se ele conhece alguém entre 5 e 11 anos que tenha falecido em decorrência da Covid-19. Nesse momento, o orador tenta promover a identificação com o auditório, uma vez que se dirige diretamente a ele, por meio do pronome "você". A interrogação oratória ou apóstrofe é reconhecida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) como um recurso de comunhão, já que o questionamento do orador não objetiva, de fato, a obtenção de uma resposta, mas a criação ou manutenção de um vínculo com o auditório.

Na sequência, ao afirmar "Eu não tenho", uma resposta à própria questão, o orador busca orientar a reflexão do auditório por meio de um testemunho pessoal, valendo-se, nesse caso, da autoridade proporcionada pelo cargo que ocupa. Podemos verificar, portanto, que o orador produz tentativas de ampliar a identificação e de angariar a confiança do auditório.

Ao analisarmos o trecho “Na minha frente tem umas dez pessoas aqui, se alguém tem levante o braço. Ninguém levantou o braço na minha frente”, percebemos que o proponente, mais uma vez, almeja suscitar a paixão da confiança no auditório, uma vez que, tenta, a partir de uma testagem espontânea, que lhe conferiria dados amostrais, fazer com que o auditório adira a seu discurso, fazendo-o acreditar que esses dados (supostamente verdadeiros, já que não há imagem das pessoas à sua frente) poderiam ser generalizados a todo o auditório. Para construir esse raciocínio, o orador faz uso do argumento quase-lógico da probabilidade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996) e deixa a responsabilidade da interpretação a cargo do auditório.

Na sequência, o orador questiona o auditório mais uma vez, em especial os que têm filhos na faixa etária em questão: “Você vai vacinar o teu filho contra algo que o jovem, por si só, uma vez pegando o vírus a possibilidade dele morrer é quase zero?”. Nesse momento, Bolsonaro se vale de mais uma interrogação oratória a fim de argumentar contra a vacinação, pautando-se em dados estatísticos sobre o baixo índice de letalidade de jovens por Covid-19. Essa produção discursiva do orador poderia levar o auditório a ser persuadido a não vacinar seus filhos por suscitar o medo, afinal, conforme Aristóteles (2000, p. 31), o medo é uma paixão dolorosa que resulta “da suposição de um mal iminente”, no caso, os males supervenientes à vacinação. Para Amossy (2017), os argumentos que incitam o medo e a ameaça fortalecem o desejo de partir para a ação; nessas circuntâncias, uma ação de rechaço à vacinação.

Também é relevante assinalar que o raciocínio do proponente é fundamentado no argumento pragmático (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996), uma vez que se pauta nas consequências supostamente desfavoráveis da vacinação, e em uma comparação implícita, que pode levar o auditório a

concluir que os riscos impostos pelos efeitos colaterais da vacina excedem os riscos associados à doença.

Para finalizar o discurso antivacina, o proponente questiona a Anvisa, agência que regulamentou e aprovou a vacina contra a Covid-19 a jovens: “O que que está por trás disso? Qual o interesse da Anvisa por trás disso aí? Qual o interesse daquelas pessoas taradas por vacina?”.

Observa-se, nesse trecho, a repetição da estratégia do uso de apóstrofes. Por meio delas, o proponente poderia mobilizar as emoções da indignação e do medo no auditório, já que há a suposição polêmica de que a liberação de vacinação para essa faixa etária seria fruto de interesses particulares da Anvisa. Em consonância com Amossy (2017), para que sintamos indignação, é necessário ter consciência de que alguma norma do nosso círculo cultural, social e de nosso tempo foi violada. Em termos aristotélicos, nos indignamos diante de benefícios imerecidos. Assim, ao lançar a suspeita de que a Anvisa estaria se beneficiando da vulnerabilidade da população para impor uma medida que lhe traria mais prejuízos, o orador busca abalar a credibilidade da agência, promovendo a indignação e o medo de ser vítima de má-fé.

## A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES EM UM DISCURSO ANTIVACINA

Analisaremos, agora, o discurso antivacina na perspectiva da *Trajetória das Paixões*, sistematizada por Figueiredo (2020) a partir da teoria aristotélica. Como mencionamos, ela é constituída por cinco etapas: disposição, identificação, despertar da paixão, mudança de julgamento e ação.

Inicialmente, podemos considerar que o auditório se encontra disponível ao discurso do presidente, já que o contexto anteriormente exposto proporcionava um estado de instabilidade que o deixava em permanente estado de temor e, portanto, ansioso por uma fonte de segurança. No início de seu

discurso, Jair Bolsonaro busca promover a identificação com esse auditório. Se as pessoas que o ouvem não conhecerem ninguém que tenha morrido em decorrência da Covid na faixa etária em questão, provavelmente se mostrarão mais identificadas e propensas a considerar positivamente o discurso, especialmente se tiverem filhos ou crianças sob sua responsabilidade na faixa etária mencionada (entre 5 e 11 anos). Essa identificação poderá conduzir esse auditório à confiança.

Na sequência, o orador questiona se a vacinação é mesmo viável aos jovens, já que eles não são gravemente acometidos pela doença. Nesse momento, o auditório pode, de fato, ter despertada a paixão da confiança, mas também, a do temor. Por um lado, ele pode demonstrar-se inseguro e temeroso, pois o orador quer persuadi-lo de que a vacina não é segura, nem necessária. Por outro, pode ser acometido pela paixão da confiança, já que o orador se demonstra digno de fé ao declarar que não tem conhecimento de mortes por Covid nessa faixa etária.

Ao se deparar com a informação de que a Anvisa, responsável pela liberação da vacina, pode ser desonesta e ter aprovado a vacinação infantil apenas por interesse particular, o auditório pode passar por uma *mudança de julgamento*. Sentir-se enganado, indignado e, por conseguinte, partir para a *ação* de não vacinar os que lhe são caros.

## ANÁLISE RETÓRICO-PASSIONAL DE DISCURSOS PRÓ-VACINAÇÃO

Verificaremos, agora, as estratégias persuasivas presentes nos discursos de membros da comunidade médica, como do representante da Sociedade Brasileira de Pediatria e da coordenadora do Programa Nacional de Imunizações, bem

como do jornal que divulgou a notícia[4], evidenciados pelas vozes dos jornalistas.

Iniciemos pela manchete: “Bolsonaro ataca a vacinação e questiona a honestidade da Anvisa; comunidade médica repudia”. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) reforçam que a seleção lexical é um expediente retórico que pode revelar a posição argumentativa do orador.

A expressão “ataca” dá-nos a ideia de que o presidente já se posicionou contrariamente à vacinação em outros momentos. A escolha do termo, além de sugerir o posicionamento do jornal acerca do discurso antivacina, uma vez que, de acordo com o dicionário on-line Dicio[5], atacar significa, entre outras coisas, “executar uma ação ofensiva contra alguém”, também busca descrever o posicionamento do orador Jair. Ou seja, através de seu discurso, o presidente estaria sendo, até mesmo, ofensivo, no que diz respeito a sua opinião sobre vacinação.

O termo atacar foi utilizado em sentido conotativo, caracterizando uma figura retórica, a hipérbole, já que o orador, ao comparar o dizer contrário à vacinação a um ataque, ou seja, a um impulso supostamente violento, aumenta a sua intensidade semântica (Fiorin, 2021). Além de “atacar” a vacinação, o proponente também “questiona a honestidade da Anvisa”. Isto é, segundo o jornal, ele põe em dúvida a idoneidade da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, reconhecida mundialmente na área da saúde.

A manchete ainda destaca que a comunidade médica “repudia” o discurso antivacina de Bolsonaro. O termo significa, de acordo com o dicionário on-line *Dicio*, “manifestar recusa, rejeição a; reprovar”. Ou seja, a comunidade médica

[4] Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-a-vacinacao-e-questiona-a-honestidade-da-anvisa-comunidade-medica-repudia.ghtml. Acesso em: 13 nov. 2026.

[5] Disponível em: https://www.dicio.com.br/atacar/. Acesso em: 13 nov. 2026.

rejeita fortemente o posicionamento do então presidente. A partir desse arranjo inicial dos discursos antagônicos, percebemos que o jornal organiza a interação polêmica, alinhando-se ao polo pró-vacinação, ao mesmo tempo em que medeia o diálogo entre as posições.

Por meio da manchete, o jornal supostamente deseja suscitar no auditório as paixões do medo e da confiança, uma vez que seu objetivo é fazer com que o discurso antivacina seja questionado e rechaçado, enquanto o posicionamento pró-vacinação, representado textualmente pela posição da Anvisa, seja considerado digno de fé.

Adiante, temos o título auxiliar: "Presidente também se referiu a efeitos adversos raríssimos, mas não mencionou que todas as bulas de todos os remédios e vacinas que existem no mundo contêm a descrição de efeitos colaterais muito raros".

O título auxiliar, por meio do advérbio "também", salienta que o posicionamento do proponente não só "atacou" a vacinação e "questionou" a Anvisa, mas se deteve à descrição dos efeitos adversos provocados pela vacina contra a Covid-19, qualificados como "raríssimos" pela notícia. Percebemos, então, que, pelo uso do superlativo, busca-se refutar a validade da argumentação do adversário, recorrendo-se, nesse caso, a um argumento de probabilidade, amparado pelo *topos* da quantidade. Se pouco frequentes, os efeitos adversos da vacina não constituiriam mal relevante a ser considerado pelo auditório, o que inverteria a hierarquia proposta pela argumentação do presidente na comparação entre os riscos da Covid-19 e da vacinação. Seria, portanto, lógico temer mais aos sintomas da doença do que aos pouco prováveis efeitos adversos da vacina.

Nessa mesma linha, o jornal acrescenta (introduzindo a oração através da conjunção adversativa, "mas", que remete à ideia de contrariedade) que Jair Bolsonaro não citou que todos os remédios e vacinas também podem ocasionar efeitos colaterais raros e não somente a da Covid-19. Mais uma vez o

oponente fez uso do argumento quase-lógico da comparação, já que, para sustentar o seu raciocínio de que os efeitos adversos das vacinas não deveriam ser motivo de recusa, utiliza a comparação com outros medicamentos, que também podem provocar efeitos colaterais. Percebemos, desse modo, que o oponente provavelmente deseja reforçar no auditório a paixão da confiança, que resulta da percepção da distância do mal ou da proximidade dos meios de salvação (Aristóteles, 2011) uma vez que argumenta em favor de construir a imagem de segurança da vacinação.

Na sequência, no corpo da notícia, temos: "Em uma entrevista à TV Nova Nordeste, Bolsonaro minimizou o número de mortes por Covid nessa faixa etária. Disse que não conhece nenhum caso". Ao utilizar a expressão "minimizou o número de mortes por Covid", o jornal destaca que o presidente não dá o devido valor ao número de mortes de jovens pela Covid, assentado na frágil afirmação de ele próprio não conheceria nenhuma vítima. Nesse raciocínio, também reconhecemos o uso indireto dos fundamentos quantitativos e quase-lógicos de probabilidade e comparação, já que, segundo a posição assumida pelo jornal, uma amostragem composta por uma única pessoa seria insuficiente para contrapor os dados numericamente superiores divulgados por outras fontes.

Percebemos, aqui, que o oponente pretende suscitar, provavelmente, a paixão do temor no auditório, uma vez que, ao enfatizar que o discurso antivacina minimiza as mortes de pessoas nessa faixa etária, pode levá-lo a refletir sobre a falta de empatia para com os falecidos e as famílias. Então, ao se imaginar na mesma situação, de sofrimento devido à Covid, o auditório pode ser acometido pelo medo.

"É uma desinformação, porque o próprio Ministério da Saúde do governo dele contabiliza 308 mortes de crianças de 5 a 11 anos desde o início da pandemia". Nesse trecho, o oponente faz novamente uso do lugar de quantidade, pois, através de dados numéricos (308 mortes de crianças), constrói

a argumentação. Também há uma reiteração do posicionamento do oponente, que visa rebater o discurso antivacina, já que afirma ser "uma desinformação" a afirmação de Bolsonaro e expõe explicitamente os dados apresentados pelo Ministério da Saúde "dele". Logo, há uma justificativa para o uso do termo "desinformação", pois, para o jornal, os dados divulgados pelo governo do próprio presidente deveriam ser de seu conhecimento. Essa construção discursiva indicia a negligência do proponente caso este tenha, de fato, desconhecimento dos dados; ou desonestidade, caso a conclusão do auditório seja de que o presidente oculta os dados deliberadamente. Desse modo, a organização retórica da notícia pode produzir a desconstrução do *ethos* presidencial, afetando a sua credibilidade e, por consequência, conduzir a uma decisão contrária ao seu julgamento.

Na sequência da notícia, os jornalistas afirmam que "Bolsonaro também duvidou da honestidade da Anvisa por ter aprovado a vacinação infantil contra Covid e chamou quem defende a imunização de 'tarados por vacinas'. As cenas foram publicadas nas redes sociais do presidente". Nesse trecho, mais uma vez, o jornal destaca a dúvida do proponente acerca da honestidade da Anvisa e ressalta que ele denominou as pessoas pró-vacinação de "tarados por vacina". De acordo com o dicionário on-line *Dicio*, tarado [6] significa, entre outras acepções, "desequilibrado moralmente, defeituoso".

O uso desse termo caracteriza a figura retórica hipérbole. Para Fiorin (2021), essa figura consiste no aumento da intensidade semântica, isto é, diz-se mais para significar menos. Assim, o proponente poderá suscitar, através desse questionamento retórico, a paixão da cólera, especialmente nas pessoas que valorizam a vacinação. Ao serem reconhecidas como "tarados", pelo presidente, elas podem se sentir imerecidamente ofendidas, o que, para Aristóteles (2000) é gatilho para a cólera, já que há, na ofensa, uma hierarquia

[6] Disponível em: https://www.dicio.com.br/tarado/. Acesso em: 10 jan. 2026.

forçosamente imposta, que coloca o auditório, ou uma parcela dele, em posição de inferioridade em relação ao orador.

Nesse sentido, Amossy (2017) ressalta que a polarização utiliza, por vezes, a difamação, estratégia retórica que visa desqualificar o adversário, visto como alguém com más intenções. Essa é a estratégia que o proponente Bolsonaro utiliza para tentar refutar as razões da Anvisa para aprovar a vacinação para jovens e criticar a adesão de uma parcela da população a essa iniciativa. Por seu turno, o jornal (oponente) devolve um discurso que se apoia na mesma estratégia, conduzindo à desqualificação do presidente por atribuir-lhe, no mínimo, desconhecimento dos dados a que se refere, logo, incompetência no gerenciamento das informações.

Ainda de acordo com a autora, não raro as interações polêmicas podem se dar através de violência verbal e de discursos inflamados, que podem ameaçar o bom andamento da interação. O polemista, nesses casos, faz uso de recursos lexicais, sintáticos e prosódicos, a fim de desconsiderar ou ridicularizar um ponto de vista. Vale destacar que, para Amossy (2017), a violência verbal está relacionada, sobretudo, ao despertar do *pathos*.

Em seguida, após a transcrição do áudio da entrevista de Bolsonaro, apresenta-se o seguinte trecho: “Além da Anvisa, as agências dos Estados Unidos e da União Europeia aprovaram a vacinação de crianças com o imunizante da Pfizer. São autoridades sanitárias de excelência reconhecida internacionalmente”.

Ao citar as agências dos Estados Unidos e União Europeia e destacar que elas são autoridades sanitárias “de excelência”, o oponente anseia suscitar no auditório, provavelmente, a paixão da confiança, uma vez que o intuito é atestar, mais uma vez, a segurança da vacinação e a sua aceitação pelo mundo.

O argumento de autoridade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996) fica evidente nessa fala, já que o orador tenta

rebater o discurso antivacina ao afirmar que as agências dos Estados Unidos e da União Europeia, referências na área de saúde, também aprovaram a vacinação de jovens na faixa etária em questão. Nessa operação retórica, ele faz uso dos *ethé* das agências citadas para validar as intenções.

De acordo com Amossy (2017, p. 118), "a polêmica pública, em sua virulência e em seus excessos, não é um lugar de negociações de diferenças, mas é, em vez disso, o sustentáculo de uma fala em combate". Assim, a comunidade médica, bem como a Anvisa, ambiciona rechaçar o posicionamento antivacina e lograr êxito na persuasão pró-vacinação.

> No Brasil, epidemiologistas afirmam que, embora a Covid seja mais perigosa para adultos, nenhuma doença para a qual exista vacina mata mais crianças do que a Covid. Foi o que a Sociedade Brasileira de Pediatria atestou durante a consulta pública sobre vacinação infantil aberta pelo governo (Jornal Nacional, 2022).

Nesse fragmento, o jornal apresenta o discurso da comunidade médica. A Sociedade Brasileira de Pediatria, autoridade em saúde referente à faixa etária em discussão, e epidemiologistas atestarem que a Covid mata muitas crianças, contrapõe o posicionamento antivacina e pode suscitar no auditório o temor, já que o perigo iminente pode acometer os que lhe são caros.

Ademais, o auditório pode ser tomado pela paixão da confiança, ao se deparar com discursos de autoridades sanitárias. A argumentação é mais uma vez construída, nesse trecho, pelo argumento de autoridade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996), já que o orador fez menção a uma instituição que, supostamente, é referência para abordar o assunto.

No trecho subsequente, é possível reconhecer que o orador busca reforçar, no auditório, as paixões do temor e da confiança. Vejamos:

> "Trouxe a vocês uma comparação do que representa a Covid-19 em crianças perto de outras doenças passíveis de prevenção por vacinas. Vejam que nenhuma dessas doenças, todas elas passíveis de prevenção por vacinas, vitimaram tantas crianças como a Covid-19", afirmou Marco Aurélio Palazzi Sáfadi, representante da Sociedade Brasileira de Pediatria (Jornal Nacional, 2022).

Novamente, o argumento de autoridade é evidenciado. Além disso, a fala de Marco Aurélio Sáfadi, representante da Sociedade Brasileira de Pediatria, autoridade no assunto vacinação infantil, apresenta um argumento de comparação, visto que ele compara a Covid-19 com as demais doenças imunopreveníveis.

Depois, através de dados estatísticos e pesquisas, o jornal apresenta a citação de Carla Dominguez, ex-coordenadora do Programa Nacional de Imunizações:

> Os números são assustadores. Estamos falando de 2 mil e 500 óbitos na população abaixo de 19 anos e em torno de 300 óbitos na população entre 5 e 11 anos. Nenhuma doença imunopreveníveil hoje, que está no calendário de imunização, matou esse número de pessoas. Então, a gente não pode banalizar as mortes por Covid. Nós poderemos proteger um maior número de crianças e evitar que novos óbitos aconteçam (Jornal Nacional, 2022).

Mais uma vez, o orador se vale do lugar da quantidade para expor o seu raciocínio: ao se deparar com os dados

referentes aos óbitos de crianças por Covid, tendo em vista o posicionamento de Carla, evidenciado pela expressão “os números são assustadores”, o auditório pode ser acometido, mais uma vez, pelo temor.

Nos trechos subsequentes, é possível observar que o objetivo é rebater os argumentos antivacina do presidente através de dados de pesquisas e citações de especialistas em saúde, sobretudo infantil. Os *ethé* dos profissionais da saúde sustentam a argumentação, já que são dignos de credibilidade no assunto.

> A Sociedade Brasileira de Pediatria repudiou publicamente a declaração de Bolsonaro. Em uma nota, a entidade afirma que o Brasil deve temer a doença, nunca o remédio; que a vacina previne dor, morte, emergências e internações em todas as faixas etárias. Os pediatras brasileiros declaram, ainda, que a vacinação de crianças é estratégia importante para reduzir o número de mortes no Brasil, que tem indicadores mais expressivos que outros países. A Sociedade Brasileira de Pediatria ressaltou que estudos atestam a eficácia e a segurança da vacina anti-Covid para as crianças (Jornal Nacional, 2022).

Vale, pois, destacar, também nesse trecho, a presença do argumento de autoridade, quando o orador apresenta as vozes da Sociedade Brasileira de Pediatria, bem como de alguns pediatras brasileiros. Identificamos, ainda, o argumento de comparação, quando o orador traça a comparação dos indicadores de mortes por Covid-19 no Brasil e em outros países.

Ademais, ao ressaltar que a Sociedade Brasileira de Pediatria atesta “a eficácia e a segurança da vacina anti-Covid para as crianças”, o orador faz uso do lugar da qualidade, uma

vez que se posiciona a favor da vacinação por meio da valorização da vacina.

As figuras retóricas também são de extrema relevância para construir o raciocínio do orador. Ao afirmar que "o Brasil deve temer a doença, nunca o remédio" há a presença de uma metonímia (Brasil no lugar de brasileiros) e, também, da antítese¸ ideias postas em oposição (doença – mal, remédio – bem, a cura) (Fiorin, 2021).

O texto jornalístico, dessa maneira, dicotomiza as posições por meio de um discurso encaixado que, para Amossy (2017), trata-se daquele em que se faz ouvir a fala dos polemistas pelas palavras do jornalista. O locutor, teoricamente, não assume a responsabilidade do que dizem os enunciadores, mas foi possível perceber o posicionamento do jornal, bem como de membros da comunidade médica, que se inclinam para a defesa da vacinação, antagonicamente ao discurso antivacina de Bolsonaro. Logo, o jornal tem o intuito não somente de desacreditar o proponente, mas, também, de apresentar provas que refutem a sua posição e fortaleçam a tese contrária.

## A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES EM DISCURSOS PRÓ-VACINAÇÃO

Conforme expusemos há alguns parágrafos, a etapa da disposição (Figueiredo, 2020) consiste em uma disposição do auditório para ser acometido por uma determinada paixão. O auditório, em contexto pandêmico, certamente estava disponível a ser movido por paixões como a do medo, por exemplo.

Quando o auditório toma contato com a manchete, é possível que já comece a identificação. Esse é o processo envolvido na referência à Anvisa, reconhecida pelos brasileiros como autoridade em segurança sanitária. A menção da agência traz à memória do auditório conhecimentos prévios. A partir

deles criam-se expectativas a respeito do discurso, que poderão ser confirmadas ou refutadas.

Ao abordar o número de mortes de jovens em decorrência da Covid-19, o auditório, especialmente aquele que tem filhos, crianças ou jovens que lhe são caros, pode ser acometido pela paixão do medo.

As citações e posicionamentos de especialistas e referências mundiais em saúde podem colaborar para que o auditório seja acometido pela paixão da confiança, já que os dados comprovam que o número de mortes de jovens por conta da Covid-19 é significativo, mas a vacinação é afirmada como medida efetiva na prevenção da doença. Haverá, então, o despertar da paixão.

Nesse momento, o auditório poderá mudar de julgamento. Ao se sentir temeroso diante de um mal que pode acometer os que lhe são caros, ele pode considerar a vacinação para os jovens algo válido para reverter esse contexto. Partirá, então, à ação, última etapa do percurso passional proposto por Figueiredo (2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polêmica é um debate em torno de uma questão atual e de interesse público. Os discursos polêmicos estão presentes em nossas interações diárias, pois, a todo momento, nos deparamos com opiniões antagônicas acerca de questões diversas.

A vacinação contra a Covid-19, tema controverso e alvo de nossa análise, comumente promove discursos polêmicos, uma vez que, ainda hoje, uma parcela da população adere à ideia de segurança e eficácia da vacinação; e outra, rechaça esse posicionamento, pautada em diversos fatores, dentre eles, a ideologia antivacina.

Em nossa análise, buscamos investigar a interação polêmica registrada na notícia “Bolsonaro ataca a vacinação e questiona a honestidade da Anvisa; comunidade médica

repudia", publicada no portal G1 em 6 de janeiro de 2022, com o objetivo de discutir a articulação entre os recursos retóricos do *logos* e a mobilização das emoções do auditório, o que contribuiria para a adesão às teses adversárias.

Nesta análise, foi possível constatar que o proponente, contrário à vacinação, e os oponentes, favoráveis à vacinação, se pautaram em argumentos quase-lógicos, fundamentados na estrutura do real, figuras retóricas e lugares para construírem a argumentação e lograr êxito na persuasão por meio das emoções emanadas do auditório, sobretudo pelo medo e pela confiança. Isto é, os recursos do *logos* mostraram-se potencialmente relevantes para a mobilização de paixões. Nessa espreita, como afirma Amossy (2017, p. 161), "a polêmica alia paixão e razão em um mesmo esforço de dar uma resposta à questão que agita os espíritos".

Em suma, o confronto de opiniões contraditórias entre o proponente e os oponentes evidenciou a dicotomização de posições acerca da vacinação de jovens contra a Covid-19. Para o proponente, a prática é inviável. Para os oponentes, deveria ser adotada e o posicionamento do então presidente, Jair Bolsonaro, rechaçado e invalidado.

Naturalmente, reconhecemos as limitações deste estudo, dada a restrição da análise a um único episódio de interação polêmica e a impossibilidade de aferir a mobilização das paixões propostas; contudo, também reconhecemos as suas contribuições no sentido de se somar a reflexões sobre os mecanismos de discursivização da polêmica pública e a mobilização de paixões específicas na produção de discursos políticos midiatizados.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar:** gerenciando razão e emoção. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica.** Trad. Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

ARISTÓTELES. **Retórica.** Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões.** Trad. Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHATTERJEE, Srijan; BHATTACHARYA, Manojit; NAG, Sagnik; DHAMA, Kuldeep; CHAKRABORTY, Chiranjib. A detailed overview of SARS-CoV-2 Omicron: its sub-variants, mutations and pathophysiology, clinical characteristics, immunological landscape, immune escape and therapies. **Viruses**, v. 15, n. 1, p. 1-27, 2023. Disponível em: https://www.mdpi.com/1999-4915/15/1/167. Acesso em 13 nov. 2026.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2021.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da "Trajetória das Paixões". In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (org.). **Trajetória das paixões:** uma retórica da alma. Franca, SP: Unifran, 2020. cap. 1, p. 29-55.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **A importância da vacinação contra covid-19 em crianças.** Rio de Janeiro, 2021. Nota técnica. Disponível em: https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u35/nt28.12.pdf. Acesso em: 10 nov. 2026.

GRANCHI, Giulia. Vacinação de crianças no Brasil: o que sabemos até agora. **BBC News Brasil**, São Paulo, 14 jan. 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59999518. Acesso em: 10 nov. 2026.

INSTITUTO BUTANTAN. **Imunização, uma descoberta da ciência que vem salvando vidas desde o século XVIII.** 10 jun. 2021. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/imunizacao-uma-descoberta-da-ciencia-que-vem-salvando-vidas-desde-o-seculo-xviii. Acesso em: 13 nov. 2026.

INSTITUTO BUTANTAN. **Baixa cobertura da vacina da gripe em 2021 e desinformação influenciaram o surto no Brasil.** 14 jan. 2022. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/baixa-cobertura-da-vacina-da-gripe-em-2021-e-desinformacao-influenciaram-o-surto-no-brasil. Acesso em: 13 nov. 2026.

INSTITUTO BUTANTAN. **Queda nas taxas de vacinação no Brasil ameaça a saúde das crianças.** 7 mar. 2022. Disponível em: https://butantan.gov.br/noticias/queda-nas-taxas-de-vacinacao-no-brasil-ameaca-a-saude-das-criancas. Acesso em: 13 nov. 2026.

JORNAL NACIONAL. **Bolsonaro ataca a vacinação e questiona a honestidade da Anvisa; comunidade médica repudia.** G1, 6 jan. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-a-vacinacao-e-questiona-a-honestidade-da-anvisa-comunidade-medica-repudia.ghtml. Acesso em: 13 nov. 2026.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica.** Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

*Recebido em 15 de fevereiro de 2026.*

*Aprovado em 16 de novembro de 2026.*